



NARRANDO A HISTÓRIA, DESVENDANDO AS MEMÓRIAS: MANEIRAS DE PENSAR AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES COM PAUL RICOEUR

Rafael dos Santos Campos¹

Universidade Federal de Campina Grande

Email: rafael_grunge_m@hotmail.com

Kamylla Rodrigues Pereira da Silva²

Universidade Federal de Campina Grande

Email: kamylla.r@hotmail.com

INTRODUÇÃO

“[...] uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à ‘rapacidade’ do tempo”.³

A memória e História do espaço institucional escolar, enquanto campo de estudo, fazem parte atualmente do debate educacional, interessando, sobretudo, ao contexto da História da Educação. Neste sentido, desenvolver uma pesquisa e análise sobre as Instituições Escolares, considerando estes aspectos das memórias e histórias, é importante para se compreender a História da escola e proporcionar aos educadores e demais sujeitos que atuaram no espaço escolar uma reflexão sobre o contexto educacional. Fonseca (2008) afirma:

ninguém escapa de uma história da educação, uma vez que somos todos sujeitos dela, de uma maneira ou de outra [...] Para nós, historiadores da educação, uma constatação evidente é a de que investigar os processos do aprender é fundamental para ampliarmos a compreensão das formas de como em tempos e espaços distintos, homens e mulheres organizam sua vida, seus fazeres e suas ideias, enfim, seu modo de ser e estar no mundo (FONSECA, 2008, p. 8).

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

² Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.



Neste sentido, nosso texto irá versar sobre alguns aspectos concernentes aos estudos da memória enfatizando sua importância para o campo da pesquisa histórica tomando como locus as instituições escolares e buscando averiguar alguns aspectos importantes a partir dos apontamentos de Ricoeur (2007) em diálogo com o pensamento de alguns autores que também versaram sobre o tema como Halbwachs (2006), Hall (2006) e Le Goff (2003).

METODOLOGIA

Nossa metodologia consistiu em discutir, a partir das leituras teóricas concernentes à temática da memória, ressignificar e apontar algumas maneiras de se pensar a História e memória das instituições escolares tomando como base os apontamentos dos autores selecionados. Elaboramos uma breve discussão bibliográfica com base na temática da memória, entrelaçando aspectos pertinentes ao assunto apontando posicionamentos teóricos de alguns autores, discutindo os conceitos, sua importância e pertinência para o campo da pesquisa das instituições escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro aspecto a ser discutido é em relação à História oral como aporte metodológico e ferramenta de pesquisa. Esta além de subsidiar o pesquisador na constituição do seu inventário de fontes “é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006, p. 18). A experiência com História Oral nos permite pensar novas perspectivas para o entendimento histórico. Este método “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989, s/p). A memória é fonte de informação, pois fruto da experiência humana no tempo, daquilo que nos torna seres marcados por rastros do que se foi, pista dessa existência temporal, situada em um dado contexto permeado por



relações espaciais, das quais esta memória se torna vestígio. Assim, entendemos que

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2003, p. 469).

Esse pensamento vai ao encontro do que proposto por Hall (2006), quando enfatiza o caráter não-essencialista da identidade. Para este autor, a identidade é um construto humano temporal, permeado de flexibilidades. O contexto apresentado pelo autor aponta para a plasticidade das relações identitárias:

a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, que empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 12).

Neste sentido, é importante pensar através desta categoria de análise que concepções os sujeitos escolares adotam sobre si mesmos, como se percebem em relação à em escola, de que modo se situam em seu meio social. Suas narrativas podem revelar as apropriações escolares e os saberes adquiridos/trocados na instituição educativa elaborando assim identidades para o próprio espaço escolar e/ou para os próprios indivíduos. Estes aspectos identitários são passíveis de estudo através do estudo das memórias da escola. É possível ao pesquisador abordá-la, pois além de estar nos documentos impressos, se situa nas histórias de vidas dos que nela atuaram, deste modo, os depoimentos e relatos dos indivíduos são “representações” (CHARTIER, 1991) sobre seu passado, reconhecidas como fontes históricas. Metodologicamente, é necessário entender esta memória como seletiva sem abandonar a força das representações produzidas pela memória daqueles que depõem sobre o passado. Os depoimentos que os sujeitos da escola nos concedem ressignificam fragmentos de suas histórias traduzindo-se em representações do espaço escolar.



Ricoeur (2007) aponta que a memória nos traz algo que não é necessariamente a reconstrução verdadeira do que se passou, mas nos oferece fragmentos deste passado, pois se a memória lembra, ela se lembra de algo que a antecede, obedecendo às suas nuances e limitações. Nestes sentido é condição de acesso ao passado, pois se é memória, o é de algo que se passou (RICOEUR, 2007).

Também concorda com Halbwachs (2006) que afirma que a memória é coletiva, pois os seres que a possuem são relacionais, inseridos numa sociedade, que fazem parte da família, escola, trabalho, do outro. Logo, os sujeitos humanos são históricos por excelência:

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivermos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Ricoeur (2007) adverte: a memória confunde-se com a fantasia (imaginação), pois ambas produzem imagens, pinturas gravadas na mente. Mas, segundo Ricoeur é possível distingui-las por meio de uma abordagem fenomenológica complexa, na esteira do pensamento de Husserl: a memória é marca temporal, ela se lembra de algo, rememora o que ocorreu num percurso do tempo marcado pelo antes e depois; a imaginação é voltada para a fantasia, para o irreal, não possui temporalidade.

Articulando memória e história oral, a tese de Ricoeur é de grande importância. Entre a aporia do tempo e a narrativa, Ricoeur apresenta a História como sendo narrativa (mimeses) composta pela intriga, articulada pela “operação historiográfica”, conforme Certeau (2010). O encontro mediador entre o tempo cosmológico e o tempo da consciência se dá pelo tempo calendário, ou tempo histórico. É pela narrativa (histórica e/ou individual) que o tempo, mesmo indizível, se torna humano e pleno de reconhecimento (RICOEUR, 2010). Deste modo, os depoimentos orais constituem uma rica fonte e forma de abordar o passado, ou parte dele, pois através das narrativas orais é possível ressignificar a história das instituições escolares em arquivos que não sejam somente os propriamente



escolares/documentais, mas também na memória da escola e torna-se acervo significativo que engendra várias problematizações.

CONCLUSÃO

Portanto, o grande insight para o pesquisador é pensar na abertura engendrada a partir da percepção dos historiadores dos *Annales* terceira geração, que em certo desacordo com as gerações anteriores no que concerne ao tempo histórico, concebem que o tempo humano é múltiplo em sua natureza (REIS, 2006). Sendo assim é rico em abordagens e percepções a partir das narrativas orais dos sujeitos. Estas por sua vez, se constituem não somente em fonte de pesquisa enquanto narrativas do passado, mas em narrativas que ligam o tempo humano ao tempo cosmológico/calendário, cada um em sua especificidade e particularidade (RICOEUR, 2010).

Por fim consideramos importante inscrever as memórias contra o esquecimento, a fim dar voz aos sujeitos produtores de memórias e de histórias no espaço da instituição escolar, integrando e articulando o conhecimento documental. Nesse sentido, as finalidades dessa cultura escolar podem ser buscadas na memória da escola que também se revela pelas narrativas dos sujeitos e pela. A cultura escolar pode ser (re)pensada e representada através das narrativas elaboradas, no passado e no presente, e pelas marcas que estes sujeitos imprimiram na vida de alunos e na memória da escola.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **O mundo como representação** In: Revista das Revistas Nº6, Estudos Avançados 11(5), 1991.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e Fonseca; VEIGA, Cynthia Greive (ORG.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5ª ed.. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história.** 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

RICOEUR, Paul. **A história, a memória, o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
Vol. 1.
